

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
do Estranho
Leque Rosa



NANCY SPRINGER

novo século®

NANCY SPRINGER

—————
**O CASO DO
ESTRANHO LEQUE ROSA**
—————



The case of the Peculiar Pink Fan an Enola Holmes Mystery
Copyright © 2008 by Nancy Springer
First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006
Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007
All rights reserved
Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século
Editoração Eletrônica: Fama Editora
Capa: Rodrigo Valpassos
Tradução: Paulo Ferro Junior
Preparação de Texto: Ana Cristina Teixeira
Revisão: Cátia de Almeida
Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy
O caso do estranho leque rosa / Nancy Springer ;
[tradução Paulo Ferro Jr]. -- Osasco, SP :
Novo Século Editora, 2012.– Osasco, SP : Novo Século Editora, 2012.

Título original:
1. The Case of the Peculiar Pink Fan

11-00346
CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.

Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar – CJ 1111
Barueri – SP – CEP 06455-000
Tel. (11) 2321-5080

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

ISBN: 978-85-7679-684-8

Maio, 1899

– Faz mais de oito meses que a garota desapareceu...

– A garota tem nome, meu caro Mycroft – interrompeu Sherlock, com uma ligeira alteração na voz, ciente de que era o convidado de seu irmão para o jantar.

Mycroft era um excelente anfitrião, apesar de seus modos reclusos, e aguardou até que a torta de pombo-torcaz com molho de groselha estivesse assada para mencionar o desagradável problema de sua irmã mais jovem, Enola Holmes.

– Enola. Que, infelizmente, não continua desaparecida no sentido literal da palavra – acrescentou Sherlock em um tom tranquilo, quase sobrenatural. – Ela se rebelou, se libertou e efetivamente nos iludiu.

– Mas isso não é tudo o que efetivamente fez. – Grunhindo como se seu tamanho atrapalhasse seus movimentos, Mycroft se inclinou para a frente e esticou o braço para pegar a jarra de vidro lapidado.

Pressentindo que Mycroft tinha algo importante para dizer, Sherlock esperou em silêncio, enquanto seu irmão mais velho enchia seus copos com uma excelente bebida que tornava tal conversa palatável. Os dois homens haviam afrouxado seus colarinhos altos e engomados e as gravatas negras.

Mycroft bebericou de seu copo antes de continuar a falar com seu jeito ponderado e irritante:

– Durante esse período de oito meses, ela foi fundamental no resgate de três pessoas desaparecidas e em levar três criminosos perigosos à justiça.

– Eu reparei – Sherlock confirmou. – E o que tem isso?

– Você não detectou um padrão por demais alarmante nas atividades dela?

– Nem um pouco. As mais puras obras do acaso. Ela tropeçou no caso do marquês de Basilwether. Encontrou a Srta. Cecily Alistair quando fazia caridade pelas ruas disfarçada de freira. E...

– E simplesmente *aconteceu* de ter sido capaz de identificar o sequestrador?

Sherlock encarou Mycroft pelo comentário ácido.

– E, como eu ia dizendo, a respeito do desaparecimento de Watson, se ele não estivesse tão publicamente ligado a mim, teria ela se envolvido?

– Você não sabe como ou por que ela se envolveu. Você ainda não sabe como ela o encontrou.

– Não – admitiu Sherlock Holmes. – Não sei.

Devido à suave influência do vinho do porto bem envelhecido de seu irmão e à passagem do tempo de certos eventos ocorridos, os pensamentos a respeito de sua irmã fugitiva não mais lhe causavam nem um agudo desgosto nem uma penetrante ansiedade.

– E não foi a primeira vez que ela me passou a perna – ele disse, quase orgulhoso.

– Mas que benefícios ela terá de tais truques e ousadias quando se tornar uma mulher?

– Muito pouco, suponho. Ela é realmente filha de nossa mãe sufragista. Mas, pelo menos por enquanto, não temo mais por sua segurança. Sem dúvida, ela é bem capaz de cuidar de si mesma.

Mycroft gesticulou como se espantasse um inseto.

– Essa não é a questão. É o futuro da garota que está em risco, não sua sobrevivência imediata. O que será dela em alguns anos? Nenhum cavalheiro vai querer desposar uma jovem tão independente que se interessa por atividades criminais!

– Ela só tem quatorze anos, Mycroft – Sherlock pontuou calmamente. – Quando atingir a idade de ser cortejada, duvido que

continue carregando uma adaga em seu peito.

Mycroft arqueou sua sobrancelha farpada.

– Você acha que ela se adequará às expectativas da sociedade? Você, que se recusa a se formar em qualquer campo reconhecido e que inventou sua própria vocação e modo de ganhar a vida?

O primeiro e único detetive e consultor particular gesticulou com desprezo.

– Ela é uma *mulher*, meu caro Mycroft. Os imperativos biológicos de seu sexo a farão ter desejos de procriar e de ter um lar. As primeiras agitações da maturidade feminina a impelirão a...

– Besteira! – Mycroft não conseguia mais conter sua aspereza. – Você realmente acha que nossa irmã renegada irá sossegar para encontrar um marido...

– Por quê? O que você acha que ela irá fazer? – retorquiu Sherlock, aferroando-o um pouco; o grande detetive não estava acostumado com a palavra *besteira* em resposta a seus pronunciamentos.

– Talvez ela queira construir uma longa carreira procurando pessoas e prendendo malfeitores! – É possível.

– O quê? Você acredita que ela possa se estabelecer nesse negócio? Como minha concorrente? – A irritação de Sherlock dava lugar à diversão; ele começou a rir.

Mycroft disse calmamente:

– Não duvidaria dela.

– E a próxima coisa é vê-la fumando charutos! – Sherlock Holmes ria com vontade agora. – Você esqueceu que nossa irmã é apenas uma criança desobediente? Não é possível que ela possua fixação em tal propósito. Absurdo, meu caro Mycroft, um completo absurdo!

Capítulo primeiro

Até agora, meus únicos clientes como “Dr. Ragostin, vidente científico” haviam sido um homem robusto; uma viúva idosa ansiosa em encontrar seu cãozinho de estimação; uma senhora assustada que não conseguia encontrar um valioso rubi em forma de coração, que havia sido presente de seu marido; e um general do exército cuja mais querida lembrança da Guerra da Crimeia havia desaparecido, em outras palavras, o osso da sua perna, que, devido a um ferimento feito por uma bala, havia sido amputada pelo médico no campo de batalha.

Todos passatempos. Minhas energias deveriam ser direcionadas para objetivos bem mais importantes: encontrar minha mãe. Eu sabia que ela estava perambulando com os ciganos e havia prometido a mim mesma que na primavera a procuraria, não para acusá-la ou coagi-la, mas para me reunir com meu membro familiar amputado, posso dizer.

E já estávamos em maio e não havia feito nenhum esforço para procurá-la mãe. Não sabia por que motivo, com exceção de que os negócios me prendiam em Londres.

Negócios? Um cachorrinho de estimação, uma pedra preciosa e um osso da perna?

Mas clientes são clientes, disse a mim mesma. E não havia sido, é claro, necessário (ou possível) que qualquer um deles conhecesse o ilustre (e ficcional) Dr. Ragostin em pessoa. Em vez disso, a “Srta. Ivy Meshle”, sua assistente de confiança, havia devolvido o animal de estimação, um adorável cocker spaniel de pelos cacheados, para a agradecida dona, depois de pegá-lo de um comerciante de

Whitechapel conhecido por roubar cães de raça. A “Srta. Meshle” também resolveu o caso da joia perdida, simplesmente pedindo para que um garoto subisse na tília que havia do lado de fora da janela e desse uma olhada no ninho de pega¹ que havia ali. (Como eu teria escalado aquela árvore facilmente, e como sentia saudades de fazer isso! Mas não seria apropriado.) E quanto à perna encaixotada do general, eu já estava a meio caminho de encontrá-la, quando me envolvi em um caso mais intrigante e que acabou se tornando mais urgente.

Fico vermelha em confessar que o encontro inicial ocorreu dentro de um estabelecimento recém-aberto em Oxford Street, que, enquanto era reconhecidamente patroneado pelas mulheres ricas que faziam compra naquele distrito caro, não era mencionado nas sociedades mistas: o primeiro banheiro feminino de Londres.

Essa esplêndida inovação tacitamente reconhecia que as mulheres bem-criadas não precisavam mais passar seus dias em casa, a apenas alguns passos de seus próprios lavabos. Custava apenas um centavo para entrar – e valia isso, quando se precisava, mesmo que esse valor significasse, para uma criança do Distrito Leste, pão, leite e um dia de aula de gramática. O custo assegurava que a instalação fosse usada, em grande porte, por mulheres de classes mais altas, apesar de que ocasionalmente garotas que trabalhavam, como Ivy Meshle, com seus cachos falsos e roupas baratas feitas em casa, também pudessem se aventurar por ali.

Naquele dia, entretanto, eu não estava disfarçada como a levemente vulgar Ivy Meshle. Em vez disso, minhas investigações haviam me levado para os arredores do Museu Britânico – que, para meu embaraço, meus dois irmãos frequentavam. Eu me vestia como uma acadêmica, com meu nada atraente cabelo preso em um coque e meu rosto comprido e pálido disfarçado com óculos de aros de ébano. Estes, enquanto minimizavam meu nariz saliente, também

me transformavam em um objeto que não despertava muita atenção, já que nenhuma mulher moderna usaria óculos. Com um vestido de sarja de boa qualidade, ainda que apertado, escuro e sem corte, e um chapéu também escuro e simples, me sentei no confortável salão de “couro marrom e mármore falso” para relaxar alguns minutos, com a grata certeza de que provavelmente nem Sherlock e nem Mycroft entrariam ali atrás de mim.

Havia sido um dia cheio até então – acadêmicas não são muito admiradas pela população masculina de Londres –, mas aqui eu não atraía atenção. Era comum que uma freguesa cansada das compras descansasse no salão sombreado e fresco, antes de se aventurar novamente nas ruas quentes e empoeiradas.

Uma campainha tocou, a servente atravessou o salão do banheiro para abrir a porta e três senhoras entraram. Elas passaram perto de mim, pois eu ocupava um sofá de veludo amarronzado ao lado da porta. É claro que não tiraria os olhos do meu jornal e nem as notaria no momento em que entraram, se não sentisse que algo estava errado, terrivelmente errado. Uma certa tensão entre elas.

Ouvi as anáguas de seda farfalhando enquanto elas passavam, e nenhum outro som. Elas não se falavam.

Imaginando qual seria o problema, levantei os olhos sem mover a cabeça (teria sido falta de educação olhar para elas abertamente) levantei os olhos, apesar de não poder ver muito além das costas delas.

Duas senhoras bem-vestidas, com suas volumosas saias rastejando, estavam lado a lado de uma mulher jovem, magra, vestida de acordo com a última moda em Paris – de fato, era a primeira vez que via uma saia-sino em uma pessoa de verdade, sem ser uma manequim da loja de departamentos. Enormes laços amarelo-

-esverdeados e bufantes alinhados fazendo às vezes de anquinha, mas a saia em si, de uma cor amarelo-esverdeada mais escura, era

apertada por fitas escondidas, como se simulasse uma segunda cintura perto dos joelhos. E embaixo deles, ela se alargava novamente para formar um “sino” cheio de babados, por onde os pés da garota nunca apareciam; de fato, mal movimentavam o franzido enquanto ela andava, pois a saia limitava seus passos a uns vinte e cinco centímetros. Eu me encolhi, observando-a atravessar com dificuldade o salão, pois – embora sua forma fina não alcançasse o formato ideal de ampulheta – aos meus olhos ela era uma criatura adorável; era como se alguém houvesse colocado algemas em um cervo. O bom-senso sempre era sacrificado em nome da moda, claro – saias-argola, ancas... – mas essa garota, pensei, devia ser uma completa idiota da moda, usando um vestido com o qual ela mal conseguia andar!

Quando o trio se aproximava da entrada do toalete, a garota parou.

– Ande, criança – ordenou uma das mulheres mais velhas.

Mas, em vez de andar, sem dizer nada, a garota de saia-sino se sentou nada graciosamente. Na verdade, ela se atirou, quase caindo em uma das poltronas de couro escuro do outro lado do salão.

E quando seu rosto se voltou para mim, cheguei perto de engasgar de choque e surpresa, pois eu a conhecia! Não podia estar enganada. Por nossas aventuras, o carinho de irmã que sentia por ela, meu terror quando o estrangulador a atacou, tudo permanecia indelével em minha memória; a visão de seu rosto sensível, culto, me magnetizou. Era a filha da baronesa, a senhorita canhota que certa vez encontrei e resgatei – aquela era a honorável Cecily Alistair.

Mas não reconheci as mulheres que estavam com ela. Onde estava a mãe de Cecily, a adorável Lady Theodora?

E quanto à Lady Cecily... No inverno anterior eu a havia encontrado com frio, faminta e coberta de trapos, todo o resplendor

havia sumido de seus olhos brilhantes, mas nada poderia ter me preparado para a preocupação que senti com sua aparência atual. Seu rosto parecia até mais cansado do que quando a vi pela última vez, e sua expressão estava ainda mais angustiada. Com o maxilar travado, os lábios carnudos apertados de desconfiança e com um olhar de rebeldia louca, desesperada, ela encarou as duas matronas que pairavam como duas torres sobre ela.

– Não, francamente, juvenzinha – disse uma delas em tom autoritário que demonstrava que era mais do que uma acompanhante, avó, talvez, ou tia? – Você vai vir conosco. – E agarrou a garota pelo cotovelo, enquanto a segunda mulher segurou o outro.

Naquele momento eu já tinha levantado a cabeça, olhando abertamente. Por sorte, as duas matronas estavam viradas para o outro lado, todas as atenções estavam voltadas para a garota de dezesseis anos na poltrona.

Com a voz baixa, a Srta. Cecily respondeu:

– Você não pode me obrigar – e afundou ainda mais na poltrona, esmagando os laços amarelo-esverdeados, deixando sua cabeça cair de tal maneira que, se as duas mulheres quisessem levantá-la, teriam que pegá-la pelos pés. E isso não seria um esforço pequeno, embora acredite que teriam feito isso se eu não estivesse ali. Elas olharam ao redor. Rapidamente olhei para baixo novamente, para meu jornal, mas elas não eram idiotas.

– Bem – ouvi uma delas dizer em tom delicado. – Suponho que devemos ir em turnos.

– Vá primeiro – respondeu a outra. – Eu fico com ela.

Uma entrou no banheiro, ao ouvir a porta se fechando com uma batida, levantei o olhar novamente. A segunda matrona estava sentada em outra poltrona, e sua atenção estava, no momento, fixada em arrumar seu vestido de seda. Naquele instante, a Srta.

Cecily levantou sua cabeça e, como uma prisioneira, pensando nas possíveis opções para escapar, olhou diretamente para mim.

Ela me reconheceu. Mesmo que tenhamos nos visto apenas uma vez, na noite em que seu sequestrador quase a matou, ela me reconheceu. *Snap*, foi como se um chicote estralasse, tal a força e a rapidez com que nossos olhares se encontraram, pois instantaneamente ela olhou para baixo, sem dúvida para esconder de sua acompanhante a maneira como seus olhos se abriram.

Fazendo a mesma coisa, me perguntei se ela se lembraria de meu nome, o qual eu tão impulsiva e imprudentemente havia dito: Enola Holmes. Senti uma espécie de solidariedade por seu gênio infeliz, filha de uma baronesa com dupla personalidade: a artista canhota que sentia os infortúnios dos pobres e os transformava nos mais extraordinários desenhos em carvão, e ainda era obrigada a ser a doce e destra Srta. Cecily para a sociedade.

Mas eu sabia muito mais dela do que ela de mim. Podia imaginar o quão inacreditável eu, uma garota misteriosa de manto negro, naquela noite terrível, devo ter parecido para essa garota, e imagino sua incredulidade ao me ver novamente, agora à luz do dia. E sua esperança de que, talvez, eu a ajude novamente seja lá qual for sua agonia.

Qual seria o problema? Colocando o jornal de lado, como se estivesse cansada dele, considerei o desespero que havia visto nos olhos negros da Srta. Cecily, a palidez de seu rosto delicado, a severidade de seus cabelos castanho-dourados puxados para trás e presos embaixo de um chapéu simples, feito de palha e com abas lisas.

Quando, um momento depois, me aventurei a olhar novamente, ela segurava um leque.

Um leque muito peculiar, pois era todo rosa-choque – extremamente comum – e não combinava em nada com seus laços e saia verde-limão e com as luvas e botas em tom creme. E mais

ainda: enquanto sua saia era feita do melhor e mais macio surah amarelo-

-esverdeado, seu leque era de um papel comum dobrado e colado a varetas retas, com penas comuns tingidas de rosa nas bordas.

Sua pesada acompanhante, sentada próxima a ela e em um ângulo que pudesse vigiá-la, disse com raiva:

– Tenho certeza de que nunca vou entender porque você insiste em carregar essa coisa horrível, quando tem aqueles leques bons que te dei. Seda creme com varetas entalhadas em marfim e revestimento de crochê, você se esqueceu?

Ignorando-a, Cecily abriu o leque rosa e começou a abaná-lo para refrescar seu rosto. Notei que ela usava sua mão esquerda – algo significativo; ela escolhera ser ela mesma a ter de obedecer às exigências de etiqueta e às regras de boa conduta. Também notei que ela posicionou o leque como uma frágil barreira entre ela e sua guardiã. Por trás desse sutil esconderijo seu olhar encontrou o meu e, nesse momento, o leque quase como por acidente tocou-lhe a testa.

Entendi o sinal na hora: *Cuidado. Estamos sendo vigiadas.* A linguagem dos leques havia sido inventada por jovens amantes, que tentavam fazer a corte na presença das acompanhantes, e como eu certamente nunca tivera um amante – e nem esperava ter –, nos meus inocentes dias de infância em Ferndell Hall e sob a tutela distorcida de minha mãe, me divertia observando.

Sem dar nenhum outro sinal, suspirei como se estivesse com calor e cansada. Enfiei a mão em um grande bolso sob a parte da frente do meu vestido e dali tirei meu próprio leque, que carregava não pela elegância ou para flertar, mas simplesmente para refrescar meu rosto. Meu leque era de cambraia marrom, simples, mas gostoso, e o abri o suficiente – um pouco mais do que a metade – para indicar amizade.

Enquanto isso, a matrona que havia entrado no banheiro surgiu e a outra se levantou para entrar. A Srta. Cecily aproveitou o momento, quando as duas distraíram sua atenção, para abanar freneticamente o leque, sinal de agitação e preocupação.

Deixei meu leque parado por um momento sobre minha bochecha direita. *Sim*, dizendo a ela que entendi que havia algo errado.

– Use sua mão direita – disse rapidamente a acompanhante, que se preparava para se sentar. E guarde esse brinquedo tolo.

Apesar de congelar, Cecily não obedeceu.

– Guarde isso, eu disse – ordenou a sua... raptora? Parecia ser esse o papel da acompanhante.

A Srta. Cecily respondeu:

– Não. Ele me distrai.

– Não? – o tom de voz da velha e enorme mulher se tornou ameaçador... e, então, mudou. – Ah, muito bem, me desafiando... mas apenas nisso.

Diminuindo a voz em vez de aumentá-la, ela disse algo de modo tão amedrontador que não consegui ouvi-la. Sentada rígida – seu vigoroso corpete apertado ao máximo dentro de seu elaborado vestido –, a matrona mantinha-se de perfil para mim; e enquanto por fora eu permanecia sentada me abanando, internamente cada sentido meu estava alerta como um cão de caça apontando a presa. Estudando a mulher à minha frente, para reconhecê-la caso a encontrasse novamente, me dei conta de que seria difícil diferenciá-la da outra: as duas estranhamente tinham rostos carnudos e grandes, porém com expressões delicadas, sobancelhas bem delineadas, arqueadas, narizes pequenos, lábios finos. De fato, as duas eram tão parecidas que provavelmente deviam ser irmãs, talvez até gêmeas. O cabelo da que estava sentada embranqueceu um pouco mais do que o da outra, o que conseguia ver embaixo de

um magnífico chapéu tão inclinado e enrolado que lilases haviam sido colocados *embaixo* da sua aba.

– ... se isto levar o dia todo... – sua voz aumentou um pouco, enquanto ficava mais veemente. – Você precisa de um enxoval e nós vamos conseguir um enxoval.

A Srta. Cecily disse:

– Você não pode me obrigar a usá-lo.

– Veremos. Venha comigo – disse, e logo a outra matrona emergia do banheiro, sinalizando que estava pronta ao levantar sua sombrinha.

Sem dizer nada, Cecily se levantou, mas enquanto fazia isso segurou o leque aberto na frente do rosto, significando que queria encorajar seu tímido amante, o leque tão visível sinalizava: *Se aproxime de mim*. Mas, sob tais circunstâncias, com seus grandes olhos negros suplicando para mim por sobre a borda cheia de penas do leque, ela sinalizava... o quê?

Não me abandone.

Ajude-me.

Farei o possível, pensei, enquanto batia na bochecha. *Sim* – mas como?

Salve-me.

Do quê?

– Coloque esse brinquedo desprezível no bolso!

Cecily apenas abaixou o leque rosa lateralmente e as duas matronas a cercaram novamente e a acompanharam na direção da porta ao lado de onde eu estava sentada com meu leque languidamente me abanando, mas com minha mente acelerada. Cecily agora segurava o leque pelas fitas amarradas em sua base, girando-o – outro sinal de perigo. *Tome cuidado. Estamos sendo vigiadas*.

Ela desejava discrição. Fingi abstração enquanto passavam por mim, olhando para uma terrível natureza-morta com moldura

dourada na parede da outra extremidade, mas durante todo o tempo planejei segui-las, descobrir onde elas estavam...

Tump, um impacto fez tremer o assento onde estava sentada, e de soslaio vi um borrão amarelo-esverdeado. Srta. Cecily, que havia tropeçado em sua ridícula saia-sino, caindo ao meu lado. Instantaneamente suas duas acompanhantes carrancudas a colocaram de pé e saíram com ela, sem nenhuma palavra de desculpa.

Sequer olharam para mim, mas devem ter visto o que eu vi: no assento, ao meu lado, jazia o leque de papel rosa.

Capítulo segundo

No instante em que a porta se fechou atrás de Cecily e de suas duas assustadoras acompanhantes, coloquei-me rapidamente de pé, jogando o leque rosa junto com o meu dentro da bolsa. Tinha que segui-la e descobrir qual era o problema para poder ajudá-la, porém, se eu as seguisse muito de perto, corria o risco de ser notada pelas acompanhantes. Portanto, primeiro pulei em cima do assento e, ficando na ponta dos pés, podia ver pela janela alta do banheiro. Os vitrais, em formato de diamante, distorciam minha visão limitada, mas consegui ver o trio seguindo para o ponto de táxi.

Ao descer, encontrei a servente me olhando com a boca aberta. Colocando o dedo em riste na frente dos lábios, lhe entreguei um xelim, comprando seu silêncio. Essa transação me atrasou um pouco, mas pareceu uma eternidade; com grande afobação coloquei as luvas e saí do banheiro. Para meu alívio, cheguei a tempo de ver a figura magra vestindo uma saia-sino sendo ajudada a entrar em uma carruagem de quatro rodas junto com suas duas guardiãs. Tomando nota mentalmente do número do táxi, a passos largos segui em frente para conseguir um para mim...

Mas nunca fui longe.

Naquele desatento, desafortunado momento, me encontrei cara a cara com meu irmão.

O mais velho, o mais corpulento: Mycroft.

Acabamos nos trombando e ficamos, acho, os dois igualmente assustados. Acredito que gritei. Mas só lembro que ele se lançou para a frente, emitindo uma espécie de silvo, como se alguém

houvesse dado um forte empurrão em seu colete de veludo estampado. E como tudo aconteceu rápido demais, é difícil saber quem se moveu primeiro: se ele me segurou pelo cotovelo antes ou depois de eu chutá-lo rapidamente na tíbia – mas sei que me retorci como uma enguia para me livrar dele. Lembro de ter pisado com força em sua bota de couro muito bem polida, e sem lançar mão de minha adaga, consegui me libertar e corri.

Se ele fosse Sherlock, seria pouco provável que eu alcançasse a liberdade, mas não era difícil correr de Mycroft. Eu o ouvi ofegando atrás de mim, apenas alguns passos antes que ele berrasse para Deus e o mundo:

– Detenha aquela garota!

Simultaneamente, soltei um grito agudo.

– Aquele homem passou as mãos em mim!

Uma acusação tão chocante que os passantes engasgaram ultrajados e se voltaram para Mycroft com gritos e olhares furiosos. Enquanto isso, desviando entre saias e passando por baixo dos cotovelos dos cavalheiros, me refugiei mais uma vez no banheiro feminino, passando voando pela porteira e balbuciando uma história de que havia esquecido alguma coisa. Apressando-me direto para aquela excelente instalação que serviria como santuário, encontrei a servente trabalhando com seu atomizador de perfume, tentando reprimir o inevitável fedor.

– Desapareça – rapidamente disse a ela, e sem murmúrio ela se retirou da sala.

No momento em que Mycroft, supus, havia se explicado e chamado um policial, eu já havia saído pela janela dos fundos e já não era mais uma acadêmica. Sem o chapéu, as luvas e os óculos, não me mais parecia em nada com aquela criatura desmazelada, graças a um lenço colorido de algodão indiano estampado – sempre trago coisas úteis como essa em meu busto para emergências, e também para me conceder a aparência de grandes peitos, que não

posso. Desse modo, parecendo uma boêmia com as mãos nuas, um xale mal amarrado na cabeça e pendurado a meio caminho do chão, entrei no metrô e voltei a salvo para o escritório do “Dr. Ragostin”.

Nenhum dos empregados me viu entrando, pois não entrei com minhas roupas estranhas pela porta da frente. Precisamente, pressionei o centro de determinada espiral entre os ornamentos de madeira, que gotejavam como açúcar de confeitiro por sobre todas as pedras cor de gengibre da fachada, e então dei a volta pela lateral, abri a porta secreta e entrei diretamente em uma sala interna trancada, o escritório particular do “Dr. Ragostin”. Para minha boa sorte, esse santuário havia sido adaptado para uso por um médium (um vilão – mas essa é outra história) que promovia sessões espíritas ali – por isso, há uma porta secreta, atrás da estante de livros, que dá para o exterior da casa, e também uma pequena câmara onde eu guardava meus diversos disfarces.

Coloquei meu xale boêmio de lado, liguei a lâmpada a gás e, então, me joguei no sofá de chita, franzindo a testa.

Estava desapontada comigo. Se eu estivesse alerta e tivesse tomado as devidas precauções, prestando atenção no que estava fazendo, o encontro com Mycroft nunca teria acontecido. Agora, além do embaraço que causei a mim mesma (ainda não estava pronta para me regozijar a ponto de pensar que causei embaraço a *e/e*), tinha perdido minha chance de seguir a Srta. Cecily e descobrir que misterioso novo infortúnio estava incomodando-a. Inclusive o número do seu táxi evaporou-se em minha mente, que aparentemente havia esquecido durante a confusão. Eu não tinha mais nenhuma pista com exceção do estranho leque caído em meu colo. De fato, se não fosse por aquele artefato rosa, teria achado difícil acreditar no que havia acontecido.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O caso do Estranho Leque Rosa (Os mist...)"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).